

Negacionismo ambiental em *O segredo do Bonzo* a partir das leituras de imaginário, real e ilusão em Clément Rosset

 Rogério de Almeida¹,  Caio Chung Micca²

¹ Universidade de São Paulo - USP. Laboratório Experimental de Arte, Educação e Cultura (Lab_Arte) - Faculdade de Educação. Avenida da Universidade, 308, Cidade Universitária. São Paulo - SP. Brasil. ² Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

Autor para correspondência/Author for correspondence: rogerioa@usp.br

RESUMO. A partir da leitura hermenêutica do conto "O segredo do Bonzo", de Machado de Assis, o presente artigo buscará refletir sobre o negacionismo ambiental na atualidade, trazendo conceitos de imaginário, real e ilusão presentes na obra de Clément Rosset e Gilbert Durand. Com base nas leituras é introduzida a reflexão das possibilidades de atuação da educação ambiental para fazer frente ao movimento de negação da emergência das questões ambientais. A metodologia empregada é bibliográfica, exploratória e pautada pela perspectiva filosófica e hermenêutica. Como resultados, a pesquisa apontou que o negacionismo climático constrói-se do mesmo modo que a ilusão no conto machadiano, por meio da substituição de um dado concreto e desagradável por uma opinião que condiz com o desejo. Uma educação ambiental que se quer transformadora terá de enfrentar o desafio de desfazer ilusões e propor um imaginário que ajude a compreender efetivamente a realidade.

Palavras-chave: negacionismo, Machado de Assis, Clément Rosset, imaginário, real, ilusão.

Climate Change Denial at *O segredo do Bonzo* based on the reading of Imaginary, real and illusion in Clément Rosset

ABSTRACT. From the hermeneutics reading of the short story “O segredo do Bonzo”, of Machado de Assis, this article will pursue the reflection about climate change denial nowadays, bringing concepts of imaginary, real and illusion found in the work of Clément Rosset and Gilbert Durand. Based on the readings, a reflection on the possibilities of action of environmental education is introduced facing the movement to deny the emergence of environmental issues. The methodology used is bibliographical, exploratory and guided by a philosophical and hermeneutic perspective. As a result, the research pointed out that climate denialism is built in the same way as the illusion in Machado's tale, by replacing a concrete and unpleasant fact with an opinion that matches the desire. An environmental education that wants to transform the environment will have to face the challenge of dispelling illusions and proposing an imaginary that helps to effectively understand reality.

Keywords: negationism, Machado de Assis, Clément Rosset, imaginary, real, illusion.

Negación del cambio climático en *O Segredo do Bonzo* a partir de la lectura de imaginario, real y ilusión en Clément Rosset

RESUMEN. A partir de la lectura hermenéutica del cuento “O segredo do Bonzo”, de Machado de Assis, este artículo hace una reflexión sobre la negación del cambio climático en la actualidad, aportando conceptos de imaginario, real e ilusión que se encuentran en la obra de Clément Rosset y Gilbert Durand. A partir de las lecturas, se introduce una reflexión sobre las posibilidades de acción de la educación ambiental para combatir al movimiento que niega el surgimiento de la problemática ambiental. La metodología es bibliográfica, exploratoria y guiada por una perspectiva filosófica y hermenéutica. Como resultado, la investigación señaló que la negación del clima se construye de la misma manera que la ilusión del cuento machadiano, reemplazando un hecho concreto y desagradable por una opinión acorde con el deseo. Una educación ambiental que quiera transformar el medio ambiente tendrá que afrontar el reto de disipar ilusiones y proponer un imaginario que ayude a comprender eficazmente la realidad.

Palabras clave: negacionismo, Machado de Assis, Clément Rosset, imaginario, real, ilusión.

Introdução

Nada mais frágil do que a faculdade humana de admitir a realidade, de aceitar sem reservas a imperiosa prerrogativa do real.
Clément Rosset (O real e seu duplo).

Os impactos ambientais da presença humana no planeta são incalculáveis, com devastação de áreas cada vez maiores, maior nível de poluição no ar e nos oceanos, aquecimento global, extinção de numerosas espécies e diminuição da diversidade da vida. O antropoceno, momento em que a atividade humana passa a alterar os ecossistemas e as condições climáticas do planeta, assinala também que os modos de vida e exploração dos recursos naturais, principalmente pelos países mais desenvolvidos, ocasionam riscos reais à manutenção da própria espécie humana. Tal cenário exige políticas públicas mais eficazes, transformações econômicas mais profundas, desenvolvimento de tecnologias menos agressivas e mais sustentáveis, além da inserção da educação ambiental como tema fundamental da formação escolar.

No entanto, apesar da gravidade da situação, fartamente documentada por pesquisas científicas e divulgada por diversas mídias, persistem atitudes de negação, que ignoram não só os impactos como também suas causas. Qual a origem

da negação às problemáticas ambientais? Por que negar a urgência dessas questões? Ou até mesmo, por que acreditar em teorias sem nenhum respaldo científico?

O negacionismo ambiental, termo que descreve os discursos que negam a existência dos impactos humanos no meio ambiente e seus riscos, não é, no entanto, um evento isolado, já que deriva de uma atitude mais geral de denegação do real. Essa atitude, também chamada de ilusão, parece estar incrustada na condição humana e se manifesta como uma resposta psicológica a uma realidade desagradável. O que há de novo, nos tempos que correm, é que a subjetividade dessa estratégia psicológica de negação transformou-se em política, em discurso e em ideologia, disseminando-se nas redes sociais, em grupos pseudocientíficos, em teorias conspiracionistas e mesmo em programa ideológico, como o do governo Bolsonaro.

Tendo em vista esse cenário, o objetivo deste artigo é compreender esse mecanismo da ilusão que está na base do negacionismo e, mais especificamente, do negacionismo ambiental. Para tanto, recorreremos à literatura, buscando no conto *O Segredo do Bonzo*, de Machado de Assis, os elementos que permitam compreender, numa perspectiva filosófica e hermenêutica, a relação entre real, ilusão e imaginário. Essa relação será estudada a

partir da contribuição teórica de Clément Rosset (2008) e Gilbert Durand (1997). Para o debate sobre o negacionismo, sobretudo climático, recorreremos a estudos de autores como Cunha (2013), Danowski (2012, 2018) e Miguel (2019). E, por fim, para a discussão do conto *O Segredo do Bonzo*, servem de referência Losso (2008), Teixeira (2008) e Almeida (2019, 2020).

Metodologicamente, partiremos das análises dos diferentes negacionismos presentes na bibliografia, sobretudo no Brasil, e que fornecem as bases do que entendemos por negacionismo ambiental. Em seguida, realizaremos uma leitura do conto *O Segredo do Bonzo* conjuntamente às análises de autores citados, para, no fim, utilizarmos os conceitos de imaginário, real e ilusão na filosofia trágica de Clément Rosset em uma análise mais aprofundada do negacionismo ambiental e do conto de Machado de Assis, bem como as possíveis relações que podem ser estabelecidas entre ambos.

Negacionismos

As teorias negacionistas têm ganhado cada vez mais relevância nos dias atuais, especialmente com a internet e com as redes sociais. No contexto da pandemia da COVID-19, vimos desde cidadãos comuns até autoridades de diferentes países negarem o vírus, a seriedade da pandemia,

os riscos de colapso, a necessidade de vacina e insistindo em medicações sem comprovações científicas. Entretanto, o movimento de negação de consensos científicos, ou de acontecimentos históricos, não é um fenômeno recente.

Geralmente ligados a grupos de extrema direita (Danowski, 2012; Danowski, 2018; Miguel, 2019), os movimentos negacionistas atuam em diferentes campos. Há teorias de negação de acontecimentos históricos – que alguns chamam de revisionismo histórico –, como o Holocausto na Alemanha nazista ou a ditadura militar brasileira, e há também a negação de consensos construídos pela sociedade científica global, como o terraplanismo e o negacionismo ambiental (ou climático).

Nos trabalhos de Déborah Danowski (2012, 2018) é possível observar diferentes negacionismos presentes na história:

... primeiro com a do negacionismo de nazistas, ex-nazistas, neonazistas e outros políticos de extrema direita quanto ao Holocausto perpetrado pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial; e segundo, com o negacionismo que caracteriza, em graus e formas variados, nossa atitude diante das práticas de criação, confinamento e extermínio em massa de animais nas fazendas-fábricas da agroindústria mundial. (Danowski, 2018, p. 4).

É possível percorrer historicamente diferentes frentes negacionistas, começando pelo passado, com o revisionismo histórico do Holocausto, passando pelo presente, com o debate sobre as condições dos animais de abate para o consumo de carne, e chegando ao futuro, com o negacionismo climático.

É interessante refletirmos sobre esses diferentes negacionismos relacionados à história e ao tempo. O revisionismo histórico do Holocausto pode ser questionado com provas mais concretas, como depoimentos de sobreviventes, evidências materiais dos campos de extermínio e das câmaras de gás, documentos da Alemanha nazista etc., o que é facilitado por conta do distanciamento histórico.

Sobre as condições insalubres às quais os animais criados para alimentação humana estão submetidos nas ditas fazendas-fábricas também encontramos, atualmente, evidências por meio de fotos, vídeos e relatos das condições de confinamento e abate desses animais.

Já com relação às mudanças climáticas – por mais que haja um consenso científico para 97% dos pesquisadores dessa área¹ – as evidências para o público em geral são menos concretas e mais difíceis de serem compreendidas. Danowski se utiliza do

conceito de hiperobjetos para classificar as mudanças climáticas e demonstrar a dificuldade de percepção das pessoas frente a essas questões.

As mudanças climáticas se incluem na classe desses objetos especiais que Timothy Morton chamou recentemente de ‘hiperobjetos’ (em *The Ecological Thought*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2010). Hiperobjetos são um tipo relativamente novo de objetos que, segundo Morton, desafiam a percepção que temos (ou que o senso comum tem) do tempo e do espaço, porque estão distribuídos de tal maneira pelo globo terrestre que não podem ser apreendidos diretamente por nós, ou então que duram ou produzem efeitos cuja duração extravasa enormemente a escala da vida humana conhecida. (Danowski, 2012, p. 1).

Essa dificuldade de percepção das mudanças climáticas facilita, e muito, a criação de teorias que negam a sua existência. Do mesmo modo, há uma facilidade em não querer enxergá-las, já que não há o que ser visto concretamente, a não ser acontecimentos relativamente distantes ou difíceis de estabelecer uma relação direta. Como exemplo podemos mencionar o derretimento das calotas polares, a extinção em massa de diversas espécies, a maior frequência de eventos extremos (secas prolongadas, tempestades, ciclones etc.), entre outras consequências das mudanças antropogênicas do clima.

No mesmo texto, Danowski exemplifica vários tipos de negacionismos e negacionistas quanto à questão do clima. Privilegiaremos, neste artigo, os ditos independentes, ou seja, aqueles que não recebem dinheiro de forma oculta de companhias petrolíferas, de gás ou carvão. Isso porque há aqueles, sejam lobistas, cientistas ou apenas “especialistas”, que são figuras públicas financiadas por grandes companhias de combustíveis fósseis – ou extremamente poluentes – para questionar consensos científicos que sejam prejudiciais a estas mesmas empresasⁱⁱ.

A autora ainda continua o seu raciocínio sobre os que negam as mudanças climáticas antropogênicas ditas independentes: há também indivíduos que não negam completamente, mas que de certa forma questionam, consideram um exagero ou, como bem coloca Danowski, um “catastrofismo”.

Mas há ainda um outro tipo de gente que, por motivos diferentes, ou “não aceita” a realidade das mudanças climáticas, ou aceita, mas “não tanto assim”. São pessoas até bem esclarecidas, que dizem frases como “ah, nisso eu não posso acreditar”, “isso também não, aí já é demais”, “isso aí já é catastrofismo” ... “Catastrofismo não”. (Danowski, 2012, p. 6).

A filósofa levanta a hipótese de que muitos dos questionamentos que são feitos

acerca das comprovações científicas relacionadas à situação climática se devem a uma recusa às mudanças de hábitos necessários a fim de mitigar o aquecimento global e suas consequências. Não são mudanças simples, já que fomos educados a consumir da forma como o fazemos atualmente, conjuntamente a não nos responsabilizarmos tanto pelos nossos dejetos quanto pelas nossas escolhas.

Uma razão porque se nega o inegável ... é que isso que é inegável é também intolerável. Se fôssemos encarar diretamente o que temos pela frente, isso exigiria de nós, aqui e agora, muito mais do que estamos realmente dispostos a fazer. (Danowski, 2012, p. 6).

O que, em um primeiro momento, se poderia relacionar ao espectro ideológico de um pensamento mais à direita, também foi aparecendo em discursos ligados à esquerda. Desde teses de doutorado que se utilizam da teoria crítica para refutar as mudanças climáticasⁱⁱⁱ (Cunha, 2013) até políticos de partidos de esquerda no Brasil^{iv} (Miguel, 2019) que se utilizaram de argumentos como o suposto não consenso na comunidade acadêmica ou, então, argumentando que haveria interesses ideológicos reacionários por trás do “alarmismo ambiental”.

Na mesma linha, políticos e influenciadores do espectro ideológico à direita se utilizam dos mesmos argumentos

para refutar as mudanças climáticas. Miguel faz uma análise da presença do negacionismo climático no Brasil, principalmente, no atual governo federal. O autor busca a raiz das teorias negacionistas brasileiras, sobretudo dos discursos de ministros, do presidente e do ideólogo de referência do governo, Olavo de Carvalho.

Miguel relaciona os argumentos utilizados por esses atores supracitados – a associação entre “aquecimento global e conspiração marxista” (Miguel, 2019) – com a construção de uma narrativa por *think tanks* ligados ao Partido Republicano e a grupos da mídia estadunidense em oposição ao discurso de preocupação com as mudanças climáticas durante a década de 1990. Tal narrativa defendia valores considerados conservadores e, supostamente, verdadeiramente americanos: a defesa do livre mercado, o combate ao comunismo e o direito de opinião em assuntos públicos.

Uma das formas utilizadas por negacionistas para validar o seu posicionamento, ou deslegitimar o outro ponto de vista, é colocar a discussão como uma mera diferença de opinião. Como o presidente Bolsonaro disse: “Nosso governo dará prosseguimento ao diálogo com diferentes interlocutores para desfazer opiniões distorcidas sobre o Brasil e expor

as ações que temos tomado em favor da floresta amazônica e do bem-estar das populações indígenas” (Coletta, 2020).

Não é preciso agir para acabar com o desmatamento, mas sim reverter as “opiniões distorcidas” e apresentar o cenário “verdadeiro”. Tal raciocínio nos remete ao conto *O segredo do Bonzo* de Machado de Assis. No conto é apresentada a teoria do Bonzo Pomada:

se uma coisa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente. (Assis, 1994, p. 3).

O Segredo do Bonzo

O conto *O Segredo do Bonzo*, de Machado de Assis, embora publicado originalmente em 1882, continua atual e pode muito bem dialogar com os negacionismos presentes na atualidade. Isso ocorre tanto no próprio subtítulo do conto, *Capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto*, quanto dentro da própria narrativa, com a doutrina pomadista e seus seguidores.

A referência do subtítulo a Fernão Mendes Pinto e sua obra *Peregrinação*^v já demonstra que o conto tem um caráter irônico, já que o autor e sua obra representam uma descrição fantástica e

inventada, mas que foram reconhecidas durante muito tempo como verdadeiras. Além dessa referência, há outras que indicam o caráter *falso* tanto do relato em si quanto do que é relatado, como é o caso da “teoria pomadista”, em que Pomada (nome do Bonzo) pode significar, além do preparado farmacêutico, fraude. Bonzo, que faz referência ao monge budista, também tem acepção pejorativa de enganador (Almeida, 2020, p. 160; Teixeira, 2007, p. 18; Losso, 2008, p. 6-12).

O conto narrado por um ficcional Fernão Mendes Pinto se passa na cidade de Fuchéu, no reino de Bongo, localizado na China. Em um passeio com o amigo português Diogo Meireles, ambos avistam um grupo de pessoas em torno de um homem chamado Patimau. Este explicava aos outros de forma contundente sua mais nova descoberta, a origem dos grilos. Estes animais “procediam do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da lua nova” (Assis, 1994, p. 1), segundo o orador. Depois de encerrar seu discurso inflamado, os ouvintes o saúdam e o carregam nos ombros até um alpendre de um mercador.

Os amigos que observaram tudo aquilo seguem seu caminho e se deparam com mais um amontoado de pessoas a escutar outro orador. Este outro chamado Languru dizia ter descoberto o princípio da

vida futura, que estaria contido em uma certa gota de sangue de vaca. Para o espanto dos amigos portugueses, a situação se assemelhava muito com a vista anteriormente em tão pouco tempo e espaço.

Ficamos sem saber nada daquilo, porque nem nos parecia casual a semelhança exata dos dois encontros, nem racional ou crível a origem dos grilos, dada por Patimau, ou o princípio da vida futura, descoberto por Languru. (Assis, 1994, p. 2).

Até que ambos encontram um alparqueiro chamado Titané que lhes explicou tais feitos, dizendo que podia ser que ambos estavam cumprindo uma nova doutrina que teria sido inventada por um “Bonzo de muito saber” (Assis, 1994, p. 2). Com a curiosidade dos portugueses, Titané acabou por ajudá-los a conhecer tal Bonzo. Ao serem recebidos pelo sábio, o mesmo foi logo explicando:

– Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contacto com outros homens, é como se eles não existissem. (Assis, 1994, p. 3).

O Bonzo explana um pouco como chegou a tal doutrina salvadora que Patimau e Languru estavam seguindo e sua

grande descoberta já anteriormente citada. Neste momento o sábio revela que algo “pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião” (Assis, 1994, p. 3), e conclui que a existência necessária é a da opinião, já que a da realidade é apenas conveniente.

A seguir, depois de se despedirem do sábio, os três visitantes combinaram de praticar tal doutrina que julgavam ser “tão judiciosa quão lucrativa” (Assis, 1994, p. 3). A experiência de Titané se deu a partir da distribuição de um texto explicando porque suas alparcas (tipo de calçado) eram as melhores do mundo, fazendo com que as vendas aumentassem consideravelmente. Fernão não concorda que Titané tenha cumprido de fato a doutrina, já que acreditava que o alparqueiro estava inculcando uma opinião que ele não tinha, e não a opinião de uma qualidade que não possuía.

Fernão não se alonga em descrever sua experiência, já adiantando que a de maior êxito fora a de Diogo Meireles. Segundo o narrador, sua experiência consistia em tocar charamela (instrumento musical), mesmo sendo ele um tocador mediano de tal instrumento, mas que com um ar de desdém e alguns movimentos diferentes de seus braços, conseguiu exclamações de entusiasmo.

A exitosa experiência de Diogo Meireles se deu a partir de uma doença peculiar que ocorria na cidade e que deixava os pacientes com um nariz tão inchado que tomava mais da metade de seus rostos. O tratamento para o incômodo dos doentes era a retirada de seus narizes. Diogo comunicou-lhes, então, que não era preciso haver preocupação, pois simplesmente ele poderia substituir o nariz disforme por um nariz metafísico, “inacessível aos sentidos humanos, e, contudo, tão verdadeiro ou ainda mais do que o cortado; cura esta praticada por ele em várias partes, e muito aceita aos físicos de Malabar” (Assis, 1994, p. 5).

O espanto da assembleia foi tanto que até os filósofos que ali estavam, sentindo-se envergonhados, acabaram por dar razão a Diogo, declarando que havia fundamento no que foi dito. Ao fim, os enfermos “desnarigados” de Fuchéu, de tão crédulos que estavam, acreditavam que havia um nariz metafísico no lugar do verdadeiro retirado e, como prova última do sucesso da doutrina, continuavam a carregar seus lenços de assoar.

É interessante pensarmos no negacionismo ao lermos tal conto de Machado de Assis, sobretudo sobre a doutrina pomadista e de seus sectários. Como é bem colocado pelo narrador se contrapondo a Titané:

Não me parece, atalhei, que tenhais cumprido a doutrina em seu rigor e substância, pois não nos cabe inculcar aos outros uma opinião que não temos, e sim a opinião de uma qualidade que não possuímos; este é, ao certo, o essencial dela. (Assis, 1994, p. 4).

Os chamados negacionistas independentes, cuja negação não é acompanhada de ganhos pecuniários, não estão interessados, aparentemente, em emitir uma opinião que eles mesmos não têm, mas em inculcar aos outros uma opinião para que acreditem, como eles, em algo que não existe na realidade. Trata-se, portanto, não de uma opinião racional, meditada, verificada ou lastreada pela realidade, mas tão somente calcada na crença:

E não percamos de vista o sentido etimológico de *crer*, que tem sua origem no grego *dóxa* e que pode ser traduzido por *opinião*. Não se trata da profundidade do sentimento religioso de um *crente*, a qual é construída em torno de um referencial divino, com a ideia de *sagrado*, isto é, de uma dimensão da realidade que foi *segredada* e que pode ser, mediante a crença, atingida. Trata-se desse movimento mais geral e corriqueiro de se ter *opinião*. (Almeida, 2020, p. 161).

Isso significa que a atitude mais comum é a de *crer* no que se quer, no que confirma as próprias opiniões de quem *crê*, num circuito em que a crença retroalimenta a opinião e esta àquela. É uma estratégia

também, consciente ou não, de se desvencilhar do negativo, do que é desagradável na realidade, apesar de ser real.

Cabe ainda ponderar que, embora não estejam sendo pagos para dizer algo que não existe na realidade, os negacionistas independentes podem ganhar notoriedade e, conseqüentemente, gerar receitas. Com a política de monetização do YouTube, plataforma de divulgação e compartilhamento de vídeos, é possível aferir rendimentos se for computada uma quantidade alta de visualizações de um determinado vídeo^{vi}. Ou seja, a remuneração está vinculada ao número de acessos de um vídeo. Quanto mais atrativo for o vídeo, quanto mais veicular o que os seus espectadores querem ouvir, maior sua notoriedade, maior sua rentabilidade.

Assim, tanto a teoria pomadista quanto o negacionismo não se reduzem a uma questão de opinião e crença, mas também de lucro: “verificaremos que a opinião nunca aparece sozinha, mas vem acompanhada de um lucro qualquer, que pode ser financeiro ou pago com ‘consideração ou louvor’.” (Almeida, 2020, p. 161). A diferença é que nos dias atuais a monetização da plataforma de vídeos vinculou o lucro financeiro ao lucro de “consideração e louvor”.

Portanto, quem porta um conhecimento, também porta uma verdade e o poder sobre os que partilham sua opinião e o reconhecem como seu anunciador, pagando-lhe tributos, seja em moeda ou em louvor. É esse o mecanismo do espetáculo, o uso da aparência, o poder da opinião. Vale para o reconhecimento artístico, filosófico, religioso, político... (Almeida, 2020, p. 161).

Para melhor entendermos as relações entre a doutrina pregada pelo Bonzo Pomada e o discurso de negacionistas, utilizaremos a ótica trazida pelo filósofo Clément Rosset, a partir dos conceitos de imaginário, real e ilusão. Assim, faremos uma análise mais aprofundada do conto e do negacionismo climático.

Imaginário, Real e Ilusão

A formulação acerca de real e imaginário já foi apresentada por diversos teóricos e pensadores nas mais diversas áreas do conhecimento, seja na filosofia, na antropologia ou na psicanálise. No entanto, não entraremos nesse debate entre as diferentes concepções. Nos ateremos ao olhar do filósofo Clément Rosset para podermos analisar o conto de Machado de Assis relacionando-o com o negacionismo ambiental.

Sua teoria está ligada à perspectiva trágica, portanto, não há a recusa do que há de negativo, de estranho, de problemático na vida, uma vez que esses aspectos, por

mais indesejáveis que possam ser, fazem parte da realidade. Ou seja, estamos falando da aprovação incondicional da vida, ato único “disponível ao homem, já que em relação à existência como um todo (o real) nenhuma ação humana é capaz de alterar suas condições existenciais.” (Almeida, 2019, p. 16).

Entretanto, o que é o real? Como entendê-lo ou defini-lo? O real pode ser compreendido como o que é singular e único, portanto, idiota: *Idiôtès*, idiota, significa simples, particular, único, existência desprovida de razão, o incognoscível (Rosset, 2004, p. 42).

O real fala, mas não emite mais um único som (*mono thonos*) e não entrega mais que um único sentido ... Um único sentido monótono: ter sempre, necessariamente, um sentido qualquer. O sentido não escapa nunca à monotonia de ser qualquer, necessariamente não necessário. As mensagens procedentes do real, portanto, são finalmente indiferentes porque têm um mesmo conteúdo, monótono e insignificante (Rosset, 2004, p. 29).^{vii}

O real, portanto, é sempre insignificante (porque não é signo de nada), inapreciável (sem valor intrínseco, além do bem e do mal) e, conseqüentemente, não interpretável, pois não há representação que possa apreendê-lo. Desse modo, embora o real esteja sempre presente, não nos é acessível diretamente, necessitando de mediações

simbólicas para figurar em nosso entendimento. Esses duplos do real, justamente por serem *duplos* e não o *real*, evidenciam a condição que define o real: o real é sem duplo. Estamos, assim, dependentes do imaginário para figurar o real (o que existe), mas sabemos também, como exposto pelo conto *O Segredo do Bonzo*, que o imaginário inventa narizes metafísicos, irrealidades que, ao sabor da opinião, obnubilam a realidade.

A relação entre o real e o imaginário é intrínseca e está em constante diálogo, já que um influencia o outro, como postulado por Gilbert Durand na definição de trajeto antropológico: “a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (Durand, 1997, p. 41).

Deste modo, as imagens não são *impressas* no sujeito de fora para dentro, bem como também não se formam *internamente*, sem contato com o mundo objetivo, mas num circuito recursivo em que as imagens do mundo objetivo alimentam e são alimentadas pela subjetividade e pelas intersubjetividades, o que resulta em imaginários que tanto reportam uma realidade concretamente existente como projetam irrealidades, ilusões, denegações da realidade, que é

substituída por um duplo, como o nariz metafísico que substitui o extirpado.

O trajeto antropológico contribui, portanto, para a compreensão de como o imaginário opera a mediação do humano com o real: “a apreensão imaginária do mundo e sua conseqüente organização do real ocorre por meio do trajeto antropológico” (Ferreira-Santos & Almeida, 2020, p. 81). Isso se dá, pois não há oposição entre objeto e sujeito, mas sim uma troca incessante entre o objetivo e o subjetivo, levando o sujeito a estar carregado de experiências objetivas, assim como a objetividade está tomada de olhares subjetivos.

Para conseguirmos ter acesso ao real e dar sentido a ele, recorreremos ao imaginário. Para tanto, acabamos por criar duplos da realidade para auxiliar em sua compreensão, como ocorre com as formulações artísticas (pintura, fotografia, cinema, literatura etc.) Ao mesmo tempo, criamos duplos para o real quando este nos incomoda, nos é desagradável ou não nos serve. Nesse sentido, o duplo criado está no âmbito da ilusão. Desse modo, criamos, ou entramos, em outro sistema imaginário.

Na ilusão, quer dizer, na forma mais corrente de afastamento do real, não se observa uma recusa de percepção propriamente dita. Nela, a coisa não é negada: mas apenas deslocada, colocada em outro lugar. Mas no que

concerne à aptidão para ver, o iludido vê, à sua maneira, tão claro quanto qualquer outro. (Rosset, 2008, p. 17).

Para Rosset, o que se opõe ao real não é o imaginário, mas sim a ilusão, que tem como característica a imprecisão. Não somos capazes de definir de maneira exata um objeto de desejo qualquer – justamente porque reside no desejo e não na realidade tangível –, mas, diferentemente da ilusão, a imaginação é precisa e detalhista na construção do imaginário, o que de certa forma se confunde com o real. Nesse sentido, a ilusão turva o real, torna-o impreciso, portanto, se torna um subterfúgio para quando o real não nos agrada, para quando não queremos encará-lo.

Da mesma forma, o real só é admitido sob certas condições e apenas até certo ponto: se ele abusa e mostra-se desagradável, a tolerância é suspensa. Uma interrupção de percepção coloca então a consciência a salvo de qualquer espetáculo indesejável. Quanto ao real, se ele insiste e teima em ser percebido, sempre poderá se mostrar *em outro lugar*. (Rosset, 2008, p. 14).

O que temos presente é que o pensamento de Rosset sob a ótica da filosofia trágica discute e teoriza sobre como nos portamos diante da inevitabilidade imperiosa do real. Para que possamos dar sentido a ele, já que o mesmo é idiota, insignificante e

desprovido de razão e sentido, recorreremos à imaginação.

No entanto, quando o real não está dentro de nossas expectativas ou necessidades, muitas vezes acabamos por criar ilusões como forma de escaparmos ou evitarmos a crueldade do real: “Essa *crueldade* do real assenta-se não somente na condição dolorosa e trágica da realidade, mas também por seu caráter único, irremediável e inapelável” (Almeida, 2019, p. 26). Assim, o real se torna embaçado e impreciso, e a indigesta realidade deixa de estar aparente para nós.

Porém, mais cedo ou mais tarde, o real sempre retorna, e assim, teremos de encará-lo, pois ele nunca deixou de existir, ele nunca deixou de estar presente, por mais que não estivéssemos enxergando-o. E com o seu retorno, o real requer novas e mais adequadas elaborações imaginárias.

Retomando a questão inicial sobre o negacionismo climático e relacionando-a com a educação ambiental, o que se evidencia é que não bastam estratégias que informem sobre a gravidade da situação, como se tratasse tão somente de falta de informação, mas, sobretudo que se desenvolvam estratégias que atuem na elaboração de imaginários que deem conta da realidade e de nossa implicação nos processos ecossistêmicos.

Não foi objetivo deste artigo discutir essa educação ambiental, já que optamos por formular o que está na base do negacionismo ambiental por meio de uma abordagem filosófica, mas acreditamos que essa problematização é fundamental como pressuposto para a discussão das estratégias que envolvem a educação ambiental.

Como aponta Pedro Jacobi (2005, p. 244), há dois grandes eixos que orientam os discursos da educação ambiental: um conservador e outro emancipatório. O primeiro pauta-se por uma visão reformista e propõe respostas instrumentais, por meio de ações pontuais, descontextualizadas e que não questionam o padrão civilizatório. O segundo, emancipatório, propõe práticas, orientações e conteúdos numa vertente crítica, que requer uma compreensão complexa e a politização da problemática ambiental.

O que buscamos apontar, com os aportes filosóficos desenvolvidos neste artigo e a contribuição do imaginário do conto de Machado de Assis, é que parte desses discursos conservadores, que tratavam a questão de maneira simplista e reducionista, migrou para um discurso mais problemático, de negação da crise ambiental e climática, negando-a completamente ou minimizando sua gravidade, optando pela ilusão de que não

está acontecendo, ou não está acontecendo ainda. A opção pelo discurso e pela prática emancipatória da educação ambiental terá de confrontar essas estratégias negacionistas para, efetivamente, contribuir para que a realidade seja não apenas enxergada, como também admitida.

É a aposta que faz Edgar Morin em seu livro sobre a pandemia de coronavírus, no qual relembra que há meio século se dedica à causa ambiental, cuja crise é causada, em suas palavras, pela fúria tecno-econômica global e sua sede insaciável de lucro. Em sua perspectiva, a crise da pandemia está mais uma vez alimentando a consciência ecológica e mobilizando os jovens. Resta saber se será suficiente para uma transformação no nosso modo de vida ou teremos de chegar efetivamente à beira do abismo, quando talvez seja tarde demais para mudar (Morin, 2020, p. 11).

Considerações finais

O conto de Machado de Assis, *O Segredo do Bonzo*, nos trouxe elementos que relacionamos com a perspectiva da filosofia trágica de Clément Rosset e suas elucubrações acerca do real e da ilusão. A máxima colocada pelo Bonzo Pomada de que há duas existências, uma na realidade e outra na opinião, e que a que importa é a

da opinião, nos faz refletir sobre o imaginário e o real.

O real não é necessário, mas o imaginário sim. Ou seja, a existência real não precisa ser compreendida, não precisa de nós, de nosso saber, de nossa ciência, de nossa crença. Ela existe. Mas a existência imaginada, que existe na opinião mas não na realidade e que portanto *só pode existir na opinião*, essa é *necessária* para nós, pois nos define, define nossas convenções e, sobretudo, nossas crenças. (Almeida, 2020, p. 160).

Assim, o imaginário, ao operar uma mediação da subjetividade com o real, torna-se fundamental para sua compreensão, pois é o imaginário que simboliza, que significa, que atribui sentido ao real, inclusive elaborando possibilidades do real que posteriormente poderão se tornar realidade. Entretanto, esse mesmo imaginário pode também elaborar irrealidades, interpor duplos que turvam a percepção do que é real.

Com base nessa leitura e do entendimento que o real é incognoscível e desprovido de razão, é possível ler de outra forma o que o Bonzo Pomada propõe. Pois a existência real é apenas conveniente e a existência na opinião, a existência simbólica e imaginada é a necessária para nós, pois através dela podemos entender a realidade e atuar sobre ela.

Ao mesmo tempo em que se relaciona com o imaginário, os dizeres do

Bonzo também podem estar atrelados à ilusão, até porque o ilusório não deixa de estar no campo do imaginário. A ilusão é conveniente para quem quer denegar a realidade, para quem o real é desagradável e necessita crer em um duplo. Além disso, os seguidores do Bonzo acabaram por ir à direção da ilusão, ao inventarem teorias para a origem dos grilos, o princípio da vida futura e de um nariz metafísico.

Se nos atermos na execução da teoria pomadista mais prodígia, a realizada por Diogo Meireles, é possível observar a relação entre o real e o ilusório. A partir do momento em que seus pacientes saíam satisfeitos, acreditando que estavam com um nariz metafísico, o real (a ausência do nariz) era contornado através de uma ilusão (o nariz metafísico).

Portanto, a ausência do nariz, o real se apresentando como desagradável aos enfermos os fez acreditar ainda mais na absurda teoria do nariz metafísico, solução ilusória aparentando ser um duplo da realidade.

Ao mesmo tempo podemos relacionar o ilusório com o negacionismo climático. Esta relação ocorre, pois não queremos enxergar essa realidade cruel que nos espera, seja por não quisermos (ou não podermos) abrir mão do nosso padrão de consumo e cotidiano, seja por não quisermos encarar a inevitabilidade da

morte (ou a inevitabilidade do fim da espécie humana^{viii}).

A constituição de teorias que negam as mudanças climáticas antropogênicas também acaba por passar pela ideia apresentada pelo Bonzo Pomada, já que a existência da realidade, as mudanças climáticas provenientes da atividade humana, é apenas conveniente e não necessária. Assim, é preciso negar o real, para que possamos manter o *status quo* e não ter que refletir e alterar efetivamente nosso modo de vida.

Tanto a comprovação quanto a negação das alterações no clima causadas pela atividade humana passam pelo imaginário, já que tais mudanças são consideradas um hiperobjetos pela dificuldade de se enxergá-las.

O real só é percebido por meio de seus imaginários, embora possa haver imaginários que busquem denegar o real por meio da crença em um duplo, enquanto outros se valem do duplo justamente para desfazê-lo, para desconstruí-lo, para denunciá-lo como duplo, aprovando o real. (Almeida, 2019, p. 23).

Assim, o conto de Machado de Assis abre caminho para discutirmos o negacionismo ambiental a partir dos conceitos de imaginário, real e duplo. Podemos enxergar aspectos das teorias negacionistas no conto *O segredo do Bonzo* e assim melhor compreendê-las,

apoiado na filosofia trágica de Clément Rosset, sobretudo dos conceitos acima citados.

Refletindo sobre as questões anteriormente apresentadas na introdução deste trabalho, podemos levantar suspeitas de caminhos a serem seguidos para respondê-las.

O negacionismo climático pode ter relação com a denegação da inevitabilidade da morte (ou do fim da espécie humana), pensando a partir da criação de ilusões para negar a crueldade do real. Do mesmo modo que os “desnarigados” preferiram acreditar que possuíam um nariz metafísico para não ter que encarar que não tinham mais narizes.

Bem como o negacionismo mais brando – colocado por Danowski como uma negação parcial das problemáticas ambientais – pode estar ligado ao fato de não querer enxergar as mudanças necessárias em nosso modo de vida que serão custosas.

Em ambos os casos nos refugiamos em uma ilusão que deturpa, que embaça a visão perante o real, mas em algum momento este emergirá e nos obrigará a encará-lo com novas elaborações simbólicas mais adequadas.

Dessa forma, se a educação ambiental almejar efetivamente mudar o pensamento e a atitude das gerações atuais

e futuras, tendo por objetivo preservar a espécie humana de situações que possam vir a gerar sua extinção, terá de equacionar as estratégias ilusórias dos negacionistas, as quais não podem ser combatidas com meras informações. O trabalho a ser feito é o de desfazer crenças, desconstruir duplos, investir num imaginário que nos ajude a compreender a realidade e não a denegar.

Referências

Almeida, R. (2019). O pensamento trágico de Clément Rosset. *Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência*, 12(1), 11-37.

<https://doi.org/10.11606/9786550130121>

Almeida, R. (2020). *O imaginário trágico de Machado de Assis: elementos para uma pedagogia da escolha*. 2 ed. São Paulo: FEUSP.

Assis, M. (2021). *O segredo do Bonzo*. In _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II. Texto proveniente de A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. Recuperado de: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em 19 março de 2021.

Coletta, R. D. (2020). *Brasil atua para 'desfazer opiniões distorcidas' sobre preservação ambiental, diz Bolsonaro*. Folha de São Paulo. 2 jul. 2020. Recuperado de: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/07/brasil-atua-para-desfazer-opinioes-distorcidas-sobre-preservacao-ambiental-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Cook, J. et al. (2020). O "Projeto Consenso" do Skeptical Science em 2013.

Recuperado de: <https://www.skepticalscience.com/translati.on.php?a=17&l=10>. Acesso em: 18 jul. 2020.

Cunha, D. (2013). As sutilezas metafísicas do negacionismo ambiental - como a esquerda tradicional adere à ideologia negacionista. *Revista Sinal de Menos*, 9, 134-154.

Danowski, D. (2012). *O hiper-realismo das mudanças climáticas e as várias faces do negacionismo*. *Revista Sopro 70 (Panfleto Político-Cultural): Cultura e Barbárie*, 2-11.

Danowski, D. (2018). *Negacionismos*. São Paulo: n-1 edições.

Danowski, D., & Castro, V. (2014). *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Desterro: Cultura e Barbárie; Instituto Socioambiental.

Durand, G. (1997). *Estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.

Ferreira-Santos, M., & Almeida, R. (2020). *Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética*. 2 ed. São Paulo: FEUSP.

<https://doi.org/10.11606/9786550130114>

Jacobi, P. R. (2005). Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. *Educação e Pesquisa*, 31(2), 233-250. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200007>

Losso, E. G. B. (2008). *Nariz metafísico em O segredo do Bonzo*. In Secchin, A. C., Assis, J. M., Bastos, D., & Jobim, J. L. (Orgs.). *Machado de Assis: novas perspectivas sobre a obra e o autor, no centenário de sua morte* (pp. 114-129). Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Miguel, J. C. H. (2019). Negacionismo climático no Brasil. *Revista Coletiva*, Fundação Joaquim Nabuco.

Mercado da Dúvida, O. (2014). Direção de Robert Kennel. Los Angeles: Participant. 1 DVD (96 min.).

Morin, E. (2020). *Changeons de voie: les leçons du coronavirus*. Paris: Denoël.

Onça, D. (2020). “Quando o sol brilha, eles fogem para a sombra...”: a ideologia do aquecimento global (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-01062011-104754/pt-br.php>. Acesso em: 22 de jul. 2020.

Oreskes, N., & Conway, E. (2010). *Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues From Tobacco Smoke to Global Warming*. New York: Bloomsbury Publishing.

Pereira, A. P. V., Martins, D. G., Pereira, L. P., & Sampaio, S. M. V. (2019). Ficções no Antropoceno: sonhos (de)compostos em cartas do fim do mundo. *ClimaCom - Povos Ouvir - A coragem da vergonha [online]*, 16.

Rebello, A. (2010). *Parecer do relator deputado Aldo Rebello (PCdoB-SP) ao Projeto de Lei nº 1876/99 e apensados*. Recuperado de: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=C3DCDB9F926D1B80BCEB1E217E73FF5E.proposicoesWebExterno2?codteor=777725&filename=Tramitacao-PL+1876/1999. Acesso em: 24 de jul. 2020.

Rosset, C. (2004). *Le Réel: traité de l'idiotie*. Paris: Les Éditions de Minuit.

Rosset, C. (2008). *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

Teixeira, M. V. (2008). Uma leitura de Papéis avulsos de Machado de Assis. *Revista de Literatura*, 07-32.

ⁱ Ver em Cook *et al* em <https://www.skepticalscience.com/translation.php?a=17&l=10>, acessado em 19 de maio de 2021.

ⁱⁱ Ver em Oreskes, N., & Conway, E. (2010). *Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues From Tobacco Smoke to Global Warming*. New York: Bloomsbury Publishing; e em Mercado da Dúvida, O. (2014). Direção de Robert Kennel. Los Angeles: Participant. 1 DVD (96 min.).

ⁱⁱⁱ Ver em Onça, D. (2020). “Quando o sol brilha, eles fogem para a sombra...”: a ideologia do aquecimento global (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-01062011-104754/pt-br.php>. Acesso em: 22 de jul. 2020.

^{iv} Ver em Rebello, A. (2010). *Parecer do relator deputado Aldo Rebello (PCdoB-SP) ao Projeto de Lei nº 1876/99 e apensados*. Recuperado de: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=C3DCDB9F926D1B80BCEB1E217E73FF5E.proposicoesWebExterno2?codteor=777725&filename=Tramitacao-PL+1876/1999. Acesso em: 24 de jul. 2020.

^v “Na ‘Nota C’, que Machado escreve para *Papéis avulsos*, vemos que o início de ‘O segredo do bonzo’ situa o novo capítulo entre os de número CCXIII e CCXIV” (Teixeira, 2007).

^{vi} Cf. <https://support.google.com/youtube/answer/1311392?hl=pt-BR>, acessado em 26 de julho de 2020.

^{vii} Traduzido do original em francês por nós.

^{viii} Pereira, A. P. V., Martins, D. G., Pereira, L. P., & Sampaio, S. M. V. (2019). Ficções no Antropoceno: sonhos (de)compostos em cartas do fim do mundo. *ClimaCom - Povos Ouvir - A coragem da vergonha [online]*, 16. Ou então em

Danowski, D., & Castro, V. (2014). *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Desterro: Cultura e Barbárie; Instituto Socioambiental.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em : 01/06/2021
Aprovado em: 25/08/2021
Publicado em: 30/09/2021

Received on June 01st, 2021
Accepted on August 25th, 2021
Published on September, 30th, 2021

Contribuições no Artigo: Os autores foram os responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

CNPq.

Funding

CNPq.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Almeida, R., & Micca, C. C. (2021). Negacionismo ambiental em *O segredo do Bonzo* a partir das leituras de imaginário, real e ilusão em Clément Rosset. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 6, e12349. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e12349>

ABNT

ALMEIDA, R.; MICCA, C. C. Negacionismo ambiental em *O segredo do Bonzo* a partir das leituras de imaginário, real e ilusão em Clément Rosset. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 6, e12349, 2021. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e12349>